



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

DELSA GOMES

**MANDJUANDADE DAS MULHERES MANJACOS
DA REGIÃO DE CACHEU NA GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

DELSA GOMES

**MANDJUANDADE DAS MULHERES MANJACOS
DA REGIÃO DE CACHEU NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), modalidade projeto de pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rutte Tavares de Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

DELSA GOMES

**MANDJUANDADE DAS MULHERES MANJACOS
DA REGIÃO DE CACHEU NA GUINÉ-BISSAU**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades no curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus Malês-BA.

Aprovado em 26 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso de Andrade (Orientadora)

Doutora em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal da Bahia - FFCH/UFBA
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB/Malês

Prof.^a Dr.^a Rosalina Semedo de Andrade Tavares

Doutora em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da
Universidade de São Paulo – USP
Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -
UNILAB/Ceará

Prof. M.e Avelino Vilela

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	JUSTIFICATIVA	7
1.2	PROBLEMATIZAÇÃO	9
1.3	OBJETIVOS	10
1.3.1	Geral	10
1.3.2	Específicos	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	A ORIGEM E A COSMOVISÃO DOS MANJACOS	11
2.2	RITUAIS, MÚSICA E A DANÇA NA CONCEPÇÃO DO POVO MANJACO	13
2.3	MANDJUANDADE DAS MULHERES E O PROCESSO DA MOBILIZAÇÃO AO EMPODERAMENTO E SOLIDARIEDADE	14
2.4	UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A ESPECIFICIDADE DA CONCEPÇÃO DO GÊNERO NO PROCESSO DECOLONIAL	17
3	METODOLOGIA	19
4	CRONOGRAMA	21
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como objetivo compreender o significado, as lutas e contribuições de grupo de *Mandjuandade* das mulheres *Manjacos de Calequisse* na mobilização feminina, que fica situado no Norte da Guiné-Bissau, explorando seus aspetos culturais, sociais e históricos.

A origem da *Mandjuandade*, de acordo com a escritora e diplomata Santomense Maria Manuela Borges (2004), na sua tese de doutoramento intitulado “Negociando sociabilidades em meio urbano: associativismo feminino em Bissau” assevera que a *Mandjuandade* começou antes da independência e passou a ter importância como organização de sociedade civil depois da independência da Guiné-Bissau. Ainda para autora, a *Mandjuandade* é uma associação feminina que não pertence a nenhuma instituição religiosa, pois abriga diferentes grupos étnicos de toda sociedade guineense, sendo assim, os seus princípios são informais e voluntários baseados na ajuda mútua, onde as pessoas se juntam com os interesses comuns para produzir e obter bens para melhorar a sua qualidade de vida.

Dessa forma, ela é um agrupamento social específico e hierarquizado, transcende meros encontros sociais e festas, como explica, Da Silva de Sampaio (2017, p.242), “são agrupamentos de indivíduos de ambos os sexos, da mesma faixa etária, com uma estrutura social específica e hierarquizada, que se confraternizam em festas e encontros sociais”. Também constitui um espaço onde as mulheres se reúnem para confraternizar, compartilhar experiências e fortalecer seus laços comunitários. Neste contexto, as lições de moral transmitidas através das histórias tradicionais e das cantigas de *Mandjuandade* desempenham um papel crucial. Essas narrativas não são apenas formas de entretenimento, mas também veículos para a transmissão de normas sociais, valores culturais e críticas construtivas sobre a realidade cotidiana. De acordo com escritora guineense Maria Odete da Costa Soares Semedo (2010 p.82):

Assim, as lições de moral que fecham a maioria das histórias tradicionais são verdadeiros meios de aprendizagem de certas regras de conduta comunitárias, assim como os ditos presentes nas cantigas de mandjuandadi expressam críticas, chamam atenção para certas situações do cotidiano. Contam-se e se escutam histórias, como forma de lazer, mas também como momento de aprendizagem, pois o papel desses contos, adivinhas, provérbios é também o de regulador social, pois são escolhidos e ditos, conforme o público que interage com o animador do djumbai, ou seja, depende do lugar e convívio onde se contam e se escutam essas histórias. (Semedo, 2010, p.82)

A citação de Semedo (2010) ressalta a importância das cantigas de *Mandjuandade* e das histórias tradicionais como verdadeiros instrumentos de aprendizagem das regras de

conduta comunitárias. Este ponto enfatiza a multifuncionalidade dessas narrativas dentro da sociedade *Manjaco* de *Calequisse*, indo além do mero entretenimento para se tornar uma ferramenta de educação moral e social. As *Mandjuandades* não apenas proporcionam momentos de lazer, mas também oferecem uma oportunidade valiosa para refletir sobre questões sociais e criticar certas situações do cotidiano.

Além disso, podemos destacar o papel regulador dessas narrativas, evidenciando que a escolha e a forma como são contadas dependem do público e do contexto em que são apresentadas. Isso ressalta a adaptabilidade e a relevância contínua dessas histórias dentro da comunidade *Manjaco*, pois são moldadas de acordo com as necessidades e os valores do grupo social que as compartilha. No entanto, levando em consideração os objetivos do nosso trabalho, faz-se necessário fazer a contextualização geográfica desse país, região/estado e sector/município onde essas mulheres se encontram, pois existe vários grupos de *Mandjuandade* no país.

A República da Guiné-Bissau situa-se na Costa Ocidental da África, tendo limites fronteiriços ao norte com Senegal; a leste e sul com a Guiné-Conakry e ao Oeste com o Oceano Atlântico. Além disso, de acordo com o (INE/Censo, 2009), o país tem uma superfície total de 36.125 km², com clima tropical quente e húmido, é constituído por três províncias, das quais: norte, sul e leste, e dividida administrativamente por oito regiões e um setor autónomo, dentre os quais: Biombo, Bafatá, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara, Tombali, Bolama Bijagós e o setor autónomo, Bissau.

Segundo mesmo documento, o país é constituído por baixa zona plana estendendo-se até à planície do Senegal, com vastos rios, dentre os quais se destacam: Buba, Cacheu, Mansoa, Geba e Corubal, por outro lado, também é constituída por outra parte insular, o arquipélago dos Bijagós com cerca de noventa ilhas, das quais apenas dezessete são habitadas. Além disso, é caracterizado por uma composição étnica, linguística e cultural, de ampla diversidade, nesse aspeto, segundo Nanque (2022), o crioulo é caracterizado como a língua da unidade nacional entre os guineenses, ou seja, ela é língua de comunicação interétnica no país, depois do crioulo, as línguas étnicas são as mais e por último, não menos importante, o português que é a língua do ensino e aprendizagem, de produção dos documentos oficiais e a cooperação internacional. Dessa forma, segue a distribuição das línguas maternas conforme percentagem de cada grupo: Balantas 27%, os Fulas 22%, os Mandingas 12%, os Manjacos 11%, os Papéis 10% e os outros 18% (Gomes, 2021 *apud* Nanque, 2022, p. 5).

No que diz respeito ao foco central da pesquisa sobre a *Mandjuandade* das mulheres Manjacos, o nosso campo de estudo é no centro de *Calequisse* situado na região/estado de

Cacheu, situada ao norte do país e atravessada pelo Rio Cacheu, a região tem como capital cuja o mesmo de Cacheu. Com uma população de "185 mil habitantes, correspondendo a 12,77% da população do país" (INE/Censo, 2009), a área é composta por seis setores, incluindo Cacheu, Caió, Bigene, Canchungo, Bula e São Domingos. Notavelmente, os povos Manjacos predominam em três desses setores, com exceção do setor de Bula, que é mais povoado por brames, Bigene e São Domingos.

Para dar ênfase ao trabalho, é necessário destacar que existem *Mandjuandades* que permitem a participação dos homens, como é o caso das *Mandjuandades* presentes na zona urbana que frequentemente, incluem pessoas da mesma faixa etária, tanto homens quanto mulheres. No entanto, nesse trabalho o nosso foco será especificamente a *Mandjuandade* das mulheres na zona rural, ou seja, trazendo as discussões da irmandade das mulheres *Manjacos* sob uma perspectiva dinâmica e flexível, levando em considerações as circunstâncias de cada contexto.

1.1 JUSTIFICATIVA

Para justificar a pertinência na escolha deste tema e a realização da pesquisa, o presente trabalho está organizado em quatro aspetos justificativos: primeiro, interesse pessoal da pesquisadora na seleção do tema; segundo sua relevância para a comunidade académica; terceiro, sua contribuição não apenas para a sociedade da secção Calequisse, mas também para a sociedade guineense como um todo; e, por último, em termos políticos.

No âmbito pessoal, a escolha dessa temática deve-se ao forte impacto que causou em mim e à minha experiência como membro do grupo. Durante minha infância vivenciei de perto a minha mãe e minhas tias participando nos grupos de *Mandjuandades* ou associações similares. Testemunhei quão fazer parte destes grupos é importante em suas vidas, refletindo-se em diversos aspetos. O principal é que no grupo, elas se sentem acolhidas e representadas apesar de todas as dificuldades que se encontram em termos social e política que enfrentam, o mútuo respeito entre elas, tratando-se como irmãs é o que as fortalece. Para elas, o grupo não é apenas um espaço de encontros, mas sim de convivência baseada na irmandade, na resolução de seus problemas e da comunidade entre outros.

Nessa visão percebe-se as diferenças notáveis na *Mandjuandade* das mulheres *Manjacos* de Centro de Calequisse em comparação com outros grupos étnicos principalmente grupos de *Mandjuandades* urbanos. Neste sentido, não busco estabelecer hierarquias de conhecimento, mas sim destacar as particularidades que existem entre diferentes grupos, como

seus ritos, responsabilidades como guardiãs na aldeia, a habilidade de coordenar trabalhos de uma forma eficiente e a execução do mesmo em curto espaço do tempo em comparação aos trabalhos realizado fora desta organização. Essas foram as questões que despertaram meu interesse na escolha do tema e na realização deste trabalho, focado no estudo específico da *Mandjuandade* desse povo.

Quanto à relevância social do trabalho, está intrinsecamente ligada às questões importantes que o grupo tem estado a contribuir. Por exemplo, na preservação da cultura e dos saberes, na resolução de problemas, nas questões psicológico e econômico das mulheres na comunidade de Calequisse e para o Estado guineense. Essas contribuições permitem que as pessoas conheçam mais sobre esses grupos, compreendam suas contribuições para a sociedade, e reconheçam a importância das suas ações na cultura da Guiné-Bissau. O estudo visa promover uma apreciação mais profunda e uma preservação efetiva e coletiva transformando-se em resoluções dos problemas enfrentadas.

No âmbito acadêmico, este trabalho servirá como um material de suporte valioso para futuros pesquisadores que trilharão o mesmo caminho. Além disso, oferecerá para academia a oportunidade de interagir e compreender melhor esse grupo de mulheres, enriquecendo o conhecimento sobre elas. Este estudo é de suma importância para que as instituições universitárias adotem uma abordagem emancipatória e dar vozes aos indivíduos que foram silenciados ao longo dos séculos. De acordo com Mendes (2017) essas mulheres apesar de serem temidas, se encontram no lugar da centralidade, pois são peças-chave na realização de muitas cerimônias. Além de representarem fertilidade, preservam costumes e tradições, desenvolvem trabalhos de curandeiras e guardam segredos para garantir estabilidade da comunidade.

Assim, escrever um trabalho dessa natureza significa contribuir não apenas para meu país e minha comunidade, como também para a própria universidade, destacando a importância e as contribuições dessas mulheres na sociedade a partir dos seus contextos locais.

Por último, a relevância política deste trabalho está diretamente relacionada à sua contribuição para a cultura da comunidade de Calequisse e para o Estado guineense. Entretanto, pensar a promoção, preservação e valorização da *Mandjuandade* das mulheres *Manjacos*, considerando a importância cultural e histórica desse fenómeno na sociedade guineense, torna-se uma ferramenta crucial para o reconhecimento e a celebração da rica herança cultural desse grupo na Guiné-Bissau. Essa organização pode inspirar e contribuir na elaboração das políticas públicas voltadas a preservação das culturas e inclusão do gênero nas esferas decisórias.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

A *Mandjuandade* de zona rural está mais relacionada a questões de espiritualidade e conta com pessoas de diferentes idades. Nesse sentido, a *Mandjuandade* das mulheres pode ser compreendida como um coletivo ou irmandade das mulheres organizadas com objetivos semelhantes. Esse grupo busca estabelecer laços fraternos entre seus membros e oferecer apoio em todas as circunstâncias que afetam os direitos das mulheres. Em outras palavras, essa associação promove um sentimento de solidariedade, ajudando umas às outras nos momentos positivos e desafiadores, incluindo suas relações familiares e a realização de rituais, entre outros aspetos.

Assim, essa *Mandjuandade* vem adotando uma visão diferenciada, não se limitando as atividades que tradicionalmente lhe são atribuídas. Neste projeto de pesquisa, concebemos *Mandjuandade* das mulheres, como uma busca por espaço e voz na tomada de decisões para o bem-estar da sociedade ou comunidade à qual pertencem, ou seja, essa organização das mulheres pode ser compreendida como um espaço emancipatório no qual as mulheres podem se reunir e debater sobre os assuntos internos do grupo, mas também os assuntos que afetam a comunidade ou sociedade onde estão inseridos. Além disso, a *Mandjuandade* é um ambiente que promove a solidariedade entre os seus membros.

Dessa forma, é relevante salientar que as bases teóricas desta pesquisa serão fundamentadas em obras de diversos escritores e escritoras africanas. Nesse contexto, destacamos Maria Odete Costa Semedo (2010), uma escritora guineense com uma variedade de obras em diferentes gêneros, focando especialmente aqueles que abordam a questão da *Mandjuandade* ou coletividade das mulheres. Além disso, exploraremos a obra da pesquisadora São-tomense Maria Manuela Borges, que se dedica à temática de gênero e economia informal das mulheres em Guiné-Bissau. Também serão consideradas as contribuições de algumas pesquisadoras como, Patrícia Godinho (2011) e Oyèrónké Oyewùmí (2005). Um enfoque significativo será dado à obra da pesquisadora Subunfo Somé (2007).

Para dar enquadramento a este trabalho, vai ser desenvolvida os seguintes tópicos que vão nortear as seções do nosso trabalho de conclusão de curso das quais: A origem e a cosmovisão dos *Manjacos*, Rituais, música e a dança na concepção do povo *Manjaco*, *Mandjuandade* das mulheres e o processo de mobilização ao empoderamento e solidariedade e por último, um olhar crítico sobre a especificidade da concepção do gênero no processo decolonial.

Com base na experiência, convivência familiar e nas leituras realizadas, torna-se evidente que as *Mandjuandade* das mulheres *Manjacos* são grupos ou coletivos compostos por mulheres de diferentes faixas etárias de localidades de Calequisse que reúnem para criar laços de fraternidade uns aos outros para sanear as dificuldades que elas enfrentam, essa organização tem funções como, criar rede de apoio para resolução dos seus problemas e da comunidade, dar conselhos, preservação das tradições, de trabalhos, entre outra. A constituição desse grupo está relacionada a questões culturais e coesão social nessa sociedade, no entanto tais lutas e persistências das mulheres permanecem invisibilizados em diversos aspectos nomeadamente: política, social e cultural. Diante desse contexto, formulamos as seguintes perguntas, que, posteriormente, guiarão nossa pesquisa:

- Que contribuições as *Mandjuandades* das Mulheres *Manjacos* de Calequisse deram na luta pela mobilização feminina?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

Compreender as contribuições das *Mandjuandades* das Mulheres *Manjacos* de Calequisse na luta pela mobilização feminina.

1.3.2 Específicos

- ❖ Analisar as ações da *Mandjuandade* das mulheres *Manjacos* de Calequisse;
- ❖ Identificar as ações da rede de apoio do grupo de Mulheres *Manjacos* de Calequisse na mobilização e no empoderamento feminino;
- ❖ Analisar impacto social de grupos de *Mandjuandade* das mulheres *Manjacos* de Calequisse na mobilização feminina diante do patriarcalismo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta fundamentação teórica discorre-se sobre o conceito, a história e as principais contribuições da *Mandjuandade* das mulheres guineenses em geral e em particular mulheres de

Calequisse. Dessa forma, dialogando com os autores e autoras que trabalharam sobre mesmo assunto com intuito de alcançar o nosso objetivo de investigação, entretanto, o trabalho se fundamenta também a partir da situação histórica, sociocultural económica e política da Guiné-Bissau, pois uma das ações deste grupo envolve a preservação de saberes e tradições desse povo.

2.1 A ORIGEM E A COSMOVISÃO DOS MANJACOS

A região/estado de Cacheu é uma das áreas na Guiné-Bissau predominantemente habitado por grupo étnico *Manjaco*, embora algumas partes sejam ocupadas pelos Felupes em São Domingos, Balantas, mandingas em Bigene e *Mancanhas* no sector/município de Bula e Có secção/distrito de Bula e algumas porções pelos *Balantas*. Assim, podemos afirmar que na sociedade guineense, há uma mescla de vários grupos étnicos, tornando difícil encontrar uma origem exata para alguns, como é o caso dos *Manjacos*. Isso se deve não apenas às complexidades de suas linhagens, mas também à falta de unanimidade entre os autores em relação à origem desse grupo étnico, conforme revelado por fontes e bibliografias consultadas.

Conforme apontado pelo historiador De Jesus (2018), no seu trabalho de conclusão do curso de graduação nomeado: “Mandjacos da Guiné-Bissau: Sobre Discursos, Cultura, Saberes e Tradições no Período Colonial e Pós-Colonial”, a maior parte das pesquisas sobre os *Manjacos* está concentrada, principalmente, em comparação com outros grupos vizinhos, destacando-se os *Mancanhas* e *Papéis*.

Para fundamentar ainda mais seu trabalho, o autor faz referência a estudos de autores como A. Martins Meireles e J Basso Marques, os quais conduziram levantamentos de natureza "etnográfica" e "antropológica" com o objetivo de distinguir possíveis semelhanças entre os três grupos étnicos, utilizando uma análise linguística. Tudo indica que, além de compartilharem a mesma raiz linguística, esses grupos étnicos também apresentam numerosas semelhanças culturais. Embora quiséssemos dar maior destaque a esse grupo, mas há escassez de material para aprofundar esse debate.

Segundo pesquisador guineense Abipinte Té (2019), em seu trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Antropologia intitulada “Tronco linguístico Brames e seus subgrupos étnicos *Papeis*, *Manjacos* e *Mancanhas*: Afinidade e Diferença”, os *Manjacos* têm suas origens ligadas aos *Brames*. Além de pertencerem à mesma província, esses grupos são únicos em termos de linguagem. Mesmo ocupando diferentes localidades, isso não os impede de serem considerados parte da mesma família linguística, cultural e espiritual, como se observa nos

rituais, indicando uma conexão profunda. O autor destaca que entre os *Manjacos*, *Papeis* e *Mancanhas*, há muitos elementos que os unem, que não se limitando apenas aos mencionados, mas incluindo uma ligação histórica compartilhada.

Mediante o exposto, pela limitação da informação das fontes, pode-se afirmar que não existe informações exatas sobre origem desse grupo. Porém, o que as fontes revelam é que esse grupo fez parte do processo emigratório no interior do continente africano, principalmente estão entre grupos que atualmente ocupam atual território da Guiné-Bissau, no qual estão vivendo e representando suas culturas como qualquer grupo étnico do país de acordo com sua cosmologia.

Dessa forma pode-se afirmar que, cada sociedade ou grupo, ao longo da história, desenvolvem suas próprias maneiras de conceber o universo. Nesse contexto, os *Manjacos* têm suas formas particulares de perceber e habitar o mundo, expressas por meio de símbolos, memórias e costumes. Cada detalhe desses elementos carrega significados específicos para a comunidade, contribuindo para uma educação cultural e identitária compartilhada. A cultura é, assim, o elemento central que une esse povo, sendo o principal motivo da coesão e identificação entre seus membros.

Conforme apontado pelo etnólogo Carreira (1947) em uma das suas obras, denominado "Vida Social dos Povos Manjacos", ele realizou uma abordagem abrangente sobre esses mesmos povos, apresentando reflexões significativas que servirão como guia para nossa pesquisa sobre os *Manjacos*. Segundo o autor, os *Manjacos* são povos que não pertencem a religiões cristãs e Islâmicas, pois este povo reverenciam a alma de seus ancestrais, acreditando nos devotos e nas forças divinas que, em sua forma de pensar, garantem saúde, bem-estar, prosperidade e riqueza. No entanto, conforme Carreira, o poder de revolta dos ancestrais se manifesta quando não são mais consultados ou são abandonados. Além disso, Carreira assevera que esses ancestrais são simbolizados por "simples estátuas de madeira" decoradas, colocadas na frente das casas, funcionando como santuários de evocação para todas as almas de seus entes queridos falecidos. Essas estátuas são utilizadas em cerimônias tradicionais como símbolos que representam sabedoria e fertilidade, desempenhando o papel de guardiãs e protetoras.

Essa estátua, chamada de "*Firkidja*", é utilizada em cerimônias para marcar diversos acontecimentos, como períodos de lavoura, colheita, entre outros. Durante essas ocasiões, são feitos pedidos de saúde e bem-estar para toda a família, além de uma boa produtividade. Nos rituais, é comum sacrificar um animal doméstico em homenagem aos antepassados, como expressão de gratidão. No período da lavoura, a cerimônia é realizada visando alcançar uma boa produção, enquanto no momento da colheita é realizado um outro ritual de agradecimento de boa colheita. O ritual de *kakau* é feita como a forma de agradecer aos ancestrais, no dia do

ritual é cozinhada qualquer tipo da comida que é levada na *firkidja* onde fica escultura dos entes queridos.

Figura 1 - Imagem de *firkidja*



Fonte: arquivo pessoal da autora

Vale salientar que em vários grupos étnico existentes da sociedade guineense maiorias têm os seus símbolos e tradição, sendo assim, na Calequisse, a *firkidja* aparece quase em todas as casas, pois essa figura tem grande importância e significado para a comunidade, porque muitas cerimônias são iniciadas na *firkidja* com pedido de permissão ao que vai ser realizado por isso, é extremamente importante sua presença.

2.2 RITUAIS, MÚSICA E A DANÇA NA CONCEPÇÃO DO POVO MANJACO

É possível afirmar que, na Guiné-Bissau, assim como em toda sociedade africana, existem festividades consideradas especiais, transformando-se em rituais devido à sua natureza de celebração recorrente. Nesse sentido, na sociedade *Manjaco*, os rituais têm grande importância, pois preservam costumes, valores e conhecimentos deixados pelos ancestrais, com

o intuito de estabelecer relações entre as pessoas e, não menos importante, na resolução dos possíveis problemas que a comunidade pode enfrentar.

Além disso, quando a pessoa não terminou os rituais ela se sente incompleta, pois nesse caso, não pode participar de todos os eventos como aqueles que completaram os rituais, pois existem etapas por etapas que a pessoa deve passar para poder participar de todas as cerimônias consideradas sagradas, começando pelos rituais de iniciação até a circuncisão.

Os rituais de passagem e a circuncisão desempenham um papel crucial na vida dos *Manjacos*, sendo que essas cerimônias são marcadas por músicas, danças, e rituais de cura. De acordo com a antropóloga brasileira Mariza Peirano (2003), em uma das suas obras designado “Rituais ontem e hoje”, “o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica”, composto por critérios, regulamentos de palavras e práticas, que, na maioria das vezes, se manifesta de diferentes formas.

Para Da Costa (2022) os rituais são práticos celebradas por tradições, leis ou normas cerimoniais que conferem poder para se envolver em formas de proceder, movimentos, símbolos, entre outros. Além disso, representam a continuação das práticas realizadas por nossos antepassados.

Conforme Carreira (1947, p. 116), “ todos os rituais têm a sua lógica”, por isso é importante destacar que, em toda a sociedade inclusive dos *Manjacos*, as etapas e momentos cruciais são marcados para a mudança de fase na vida de um indivíduo e todas essas fases ou momentos traçados por pessoa são importantes e têm os seus significados de acordo com cada ritos, não só, mas também o respeito pela sua posição social uma parte vem dos rituais adquiridos no qual a pessoa mesmo sendo menor de idade é respeitada.

2.3 MANDJUANDADE DAS MULHERES E O PROCESSO DA MOBILIZAÇÃO AO EMPODERAMENTO E SOLIDARIEDADE

Conforme Borges (2004), a *Mandjuandade* representa a participação na vida associativa, configurando-se como uma forma de educação. Nessa perspectiva, a propensão para aprender impulsiona o desenvolvimento da capacidade decisória e da autoestima, fatores que contribuem para a prontidão em assumir responsabilidades e tomar decisões no âmbito associativo ou na sociedade em geral.

Para Semedo (2010) na sua tese de pós-graduação intitulada “As Mandjuandadi – cantigas de mulheres na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura” afirma que, o termo *Mandjuandade* é utilizado para designar um grupo bem-organizado de pessoas (principalmente

mulheres) da mesma idade que têm como objetivos principal ajuda mútua entre os membros do grupo, em vários sentidos. Ainda, ressalta-se que essa organização existe em todos os grupos étnicos da sociedade guineense, no qual cada grupo usa um termo próprio da sua língua étnica, mas o crioulo é o que unem elas ao mesmo termo *Mandjuandade*, quer dizer, além de usar esse mesmo termo usam outros nomes para diferenciar os grupos, por exemplo: *Marram cabeça*, *harmonia de Luanda*, *Amizade de N'pantcha entre outros*.

Costa Semedo lembra que,

Para melhor compreensão do surgimento do termo mandjuandade, os primeiros autores a usar a palavra mandjuandade foram, Antônio Carreira e Fernando Rogado Quintino. Antônio Carreira declara no seu artigo publicado no Boletim Colonial da Guiné Portuguesa (BCGP), que os grupos organizados para fins sociais se definiam “pelo vocábulo acrioulado (que parece ligar-se à raiz manjaca) de Mandjuandade, utilizado no sentido da mesma idade; da mesma estrutura; da mesma geração; idêntico; igual; semelhante”. Carreira assegura que o termo é utilizado por indivíduos do mesmo escalão, com direitos e obrigações equivalentes pertencem, na “expressão crioula; já generalizada, a mesma mandjuandade (termo julgamos ser de origem manjaca) manjoandade, utilizado no sentido da mesma idade; da mesma estrutura; da mesma geração idêntico; igual; semelhante”. Com passar do tempo e evolução dos estudos sobre mandjuandade, Carreira deu nova definição ao termo mandjuandade compreendendo-o como coletividade (sobretudo feminina), “uma associação ou grupo de pessoas, mais ou menos da mesma faixa etária ou ainda da mesma geração, que se organiza para confraternizações e apoio mútuo em ocasiões ou circunstâncias diversas” (Semedo, 2010, p. 127).

A pesquisadora guineense Da Silva (2022), aponta que a *Mandjuandade* tem importância na comunidade *Manjaco*, pois expressa uma cultura hereditário de um conhecimento “tradicional” praticado de geração em geração através da oralidade, suas contribuições e solidariedades mútuas em diferentes ocasiões, razão pelo qual continuam praticando.

Ao analisar as reflexões das autoras, podemos considerar que a *Mandjuandade* como sendo costumes e tradições culturais passado de geração para geração, não só despertou o espírito de coletividade, como também permitiu que houvesse muitos grupos na sociedade guineense com essa mesma iniciativa coletiva. No entanto, com os nomes diferentes, além do nome coletivo em crioulo guineense que é *Mandjuandade*, pois cada grupo tem nome próprio que o diferencia de outros. Na maioria de casos, pode ser conforme a língua étnica ou objetivos do grupo.

Nessa perspectiva, é possível dizer que, existe duas naturezas de *Mandjuandades*: das zonas urbanas e rural. As das zonas urbanas são *Mandjuandades* com propósito de criar laços de fraternidade, solidariedade entre os membros com base nas músicas e danças, também ajudam uns aos outros na forma de angariar fundos para aumentar suas poupanças através de

abotas, um dos motivos da permanência de muitas pessoas no grupo. Enquanto *Mandjuandades* da zona rural, suas ações estão mais ligadas as questões culturais e espirituais através de algumas cerimônias de iniciação que definem a liderança, dessa forma, para atingir uma certa posição no grupo a pessoa tem que passar por rituais que são feitas etapas por etapas, esses rituais define o espaço ou informações onde a pessoa pode ou não ter acesso, nesse sentido, por falta de cumprimentos dos ritos, nem todas as informações posso ter acesso como pesquisadora, pois tem conhecimentos que são confidenciais.

Além desses atributos, as *Mandjuandades* das mulheres *Manjacos* desempenham um papel importante em termos econômicos, como salienta Borges (2004) que, essas associações ou grupos têm proporcionado estratégias femininas, ou seja, um aumento nas poupanças das mulheres, por exemplo, o grupo de *abota* que tem um número determinado de membros com disposição financeiros individuais de renda. O referido *abota* é uma denominação em crioulo que refere a forma como as mulheres se organizam financeiramente com intuito de arrecadar seus dinheiros sem precisar depositar no Banco, onde cada membro do grupo contribui com o valor estipulado para dar à uma pessoa a cada final de semana ou mês assim sucessivamente até que alcance todas as participantes. Esse dinheiro não é colocado na mão de qualquer pessoa, mas sim da pessoa de confiança do grupo. Também tem propósito de ajudar muitas alcançares algo desejado que devido à dificuldade financeira, sozinha, é impossível de alcançar. Portanto, o grupo de *abota* ajuda em concretizar este efeito.

Para tanto, concebemos a *Mandjuandade* das mulheres de Calequisse como um grupo dinâmico e flexível, ou seja, associação da região que engloba as pessoas de diferentes faixas etárias que partilham interesses individuais e coletivos, mas com os mesmos fins de criar laços de fraternidades e solidariedade entre elas em diversas práticas como, social, espiritual, cultural, econômico entre outras, sendo assim, ela tem proporcionado um papel muito importante na sociedade guineense inclusive *Manjaco* e os benefícios não são apenas os citados, porém a união de famílias uma das outra em termo de amizade e casamento. Essas uniões, muitas das vezes, vem através de solidariedade e afeto criado entre os membros do grupo onde uma família pode ter amizade com a outra família através de laços criadas pelos mais velhos.

A organização social de *Mandjuandade* (irmandade) das mulheres é construída na base de hierarquia onde tem a chefia máxima que é chamado de *Bamanham* (sacerdote) são os que comunicam com espíritos e que já passaram por muitos rituais importantes para poder desempenhar essa função, sendo assim, para ser o membro desse grupo a idade não importa, o que importa é a pessoa ser mãe, pois para elas é um espaço onde são feitas os rituais sagrada de modo que as mulheres que não têm filhos (as) e nem os homens podem saber o que acontece

dentro do grupo, porque vão contra a conduta local, nesse sentido, só podem participar as mulheres que já deram à luz, por causa da preservação dos segredos, além disso, cada segredo adquirido no grupo vai de acordo com rituais feitos, quer dizer, quanto mais rituais a pessoa fizer mais conhecimentos ela pode adquirir. Gostaríamos de falar ainda mais sobre essa *Mandjuandade* das mulheres, mas não será possível, por falta de ritos e conhecimentos que são preservados com segurança como disse autor Amadou Hampatê Bâ:

A educação tradicional, sobretudo quando diz respeito aos conhecimentos relativos a uma iniciação, liga-se à experiência e se integra à vida. Por esse motivo, o pesquisador europeu ou africano que deseja aproximar-se dos fatos religiosos africanos está fadado a de ter-se os limites do assunto, a menos que aceite viver a iniciação correspondente e suas regras, o que pressupõe, no mínimo, um conhecimento da língua. Pois existem coisas que não "se explicam", mas que se experimentam (Bâ, 2010, p.182).

Nesse caso, podemos articular que dada a evolução do mundo e a colonização muitas coisas mudaram, porém na sociedade *Manjaco*, principalmente *Mandjuandade* das mulheres as consumações e os conhecimentos adquiridos nos rituais por serem considerados sagrados, não alteraram, por isso suas ciências são segredos conservadas para que não seja qualquer pessoa a ter acesso às informações, a não ser os que já passaram por rituais importantes.

Ainda vale ressaltar que, entre essas duas *Mandjuandades* existem diferenças como são citados acima, mas também as semelhanças em termos de fraternidade e solidariedade entre os membros, da emancipação feminina, *abotas* entre outras. Portanto, antigamente todas elas eram grupos formados cujo foco era voltado unicamente nas resoluções dos problemas internos do grupo, tratar dos interesses coletivo e ajudar a suprir as necessidades dos indivíduos que a compõe. Porém, hoje, essas associações têm outros propósitos que é de fazer partes em várias atividades nacionais como: culturais, políticas, organizações governamentais e não governamentais.

2.4 UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A ESPECIFICIDADE DA CONCEPÇÃO DO GÊNERO NO PROCESSO DECOLONIAL

A construção social do gênero que se baseia em duas categorias binárias opostas, nas quais os homens são considerados superiores e dominantes, enquanto as mulheres são tidas como inferiores e subordinadas. Isso leva as feministas no Ocidente, assim como africanistas e africanas a discutirem questões como feminismo, desigualdade de gênero e participação feminina nas esferas de poder. Segundo Berger e Luckmann (2012) no seu trabalho alcunhado

“A Construção Social da Realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento”, salientam que a realidade é construída socialmente por meio de dois processos simultâneos de produção do conhecimento: objetivação e subjetivação. No primeiro processo, o conhecimento é institucionalizado e legitimado, enquanto no segundo, ele é interiorizado e reproduzido. Neste sentido, é a missão dos sociólogos ou sociólogas compreenderem como ocorrem os processos de criação e validação de verdades em sociedades específicas, bem como as relações de poder que permeiam sua efetivação.

De acordo com escritora nigeriana Oyewùní (1997) na sua obra nomeado “*The Invention of Women: Making an African sense of Western Gender Discourses*” narrativa da corporalidade de gênero, predominante nas interpretações ocidentais do mundo social, é vista pela escritora como um discurso cultural que não deve ser adotado de forma acrítica para outras culturas. Oyewùní chama atenção para o perigo de importar acriticamente as teorias ocidentais sobre gênero para analisar a realidade africana. Para exemplificar essa complexidade, ela menciona o caso da sua sociedade que é *yorubá* na Nigéria, onde não há uma divisão binária de gêneros, a hierarquia e os privilégios sociais são estabelecidos pela senioridade e não por questões de gênero. Ou seja, as diferenças codificadas em seu contexto são baseadas na idade, e a linguagem do status é determinada pela senioridade.

Perante o exposto, observa-se que em certas sociedades africanas, não existe a especificidade para conceituar o gênero devido à complexidade organizacional de cada grupo levando em consideração ao seu contexto. Por exemplo, no caso da Guiné-Bissau, principalmente nas sociedades dos *Manjacos* a divisão do trabalho muitas das vezes não determina o gênero, porque nessa sociedade as mulheres desempenham múltiplas funções nas quais as responsabilidades dos homens encontram-se imunes e costumam recair sobre elas, sem negar a existência da divisão do trabalho entre os sexos nessas sociedades.

Com base nessas reflexões podemos perceber que o gênero no contexto ocidental não tem a mesma lógica com o da África, perante esta complexidade baseamo-nos numa dinâmica do conceito de gênero com base numa perspectiva e dinâmica flexível e plural, que considera não apenas a dimensão analítica focalizada nas visões ocidentais, mas também em sua amplitude que considere cada contexto.

3 METODOLOGIA

Dado o nosso propósito geral e a pergunta inicial, optamos por utilizar neste estudo uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica e na realização de pesquisas de campo. Segundo Creswell (2010) a pesquisa qualitativa visa compreender o fenômeno ou eventos em uma determinada sociedade. Para coletar os dados, optaremos por iniciar com uma pesquisa bibliográfica, através dos ensaios, artigos e livros que abordam a temática da *Mandjuandade*. No entanto, daremos ênfase à pesquisa em fontes bibliográficas que, conforme Gil (1991), contribuem para a pesquisa bibliográfico.

De acordo com Gil (1991), torna-se evidente a importância da pesquisa bibliográfica como ponto de partida fundamental para qualquer empreendimento científico. Ao analisar e coletar referências teóricas previamente estudadas e publicadas, como livros, artigos científicos e páginas de web sites, estamos construindo uma base sólida de conhecimento sobre o tema. Essa prática nos permitirá compreender o panorama atual das discussões e descobertas relevantes dentro deste campo específico, fornecendo assim uma estrutura essencial para a nossa pesquisa. Além disso, ao identificar lacunas no conhecimento existente, estamos garantindo que nossa pesquisa seja inovadora e contribuirá de forma significativa para o entendimento da *Mandjuandade* das mulheres de Calequisse.

Para obter informações sobre o grupo de *Mandjuandade* das mulheres de Calequisse, optamos por conduzir uma entrevista. Devido à falta de recursos financeiros e à ausência de financiamento de qualquer agência de pesquisa, decidimos realizar a pesquisa utilizando ferramentas acessíveis, como o Google Meet ou o WhatsApp. Esses recursos poderão permitir-nos alcançar as nossas colaboradoras de forma eficaz, minimizando custos e maximizando a participação.

Considerando a disponibilidade e a acessibilidade, escolhemos o Google Meet e o WhatsApp como nossas principais ferramentas para realizar as entrevistas. Ambas as plataformas oferecem a possibilidade de comunicação em tempo real, facilitando a interação entre entrevistador e entrevistada. Além disso, permitem o compartilhamento de documentos para entrevistadas alfabetizadas e recursos visuais, o que pode enriquecer a experiência da entrevista.

Para garantir a participação das colaboradoras, enviaremos convites com antecedência, contendo o link da reunião virtual juntamente com o horário agendado para a entrevista. Esse processo permitirá que as participantes se organizem e reservem o tempo necessário para

contribuir com a pesquisa. Além disso, estaremos disponíveis para esclarecer dúvidas e oferecer suporte técnico, se necessário, para garantir que a participação seja o mais fluido possível.

A entrevista será centralizada entre cinco à dez mulheres do grupo de *Mandjuandade* de centro Calequisse. Essa abordagem permite uma representação diversificada do grupo, levando em consideração variáveis como faixa etária, nível educacional, religião e ocupação. Dessa forma, buscamos obter uma visão abrangente das experiências e perspectivas das participantes.

Durante a entrevista, adotaremos uma abordagem aberta e empática, incentivando as colaboradoras a compartilharem livremente suas experiências, opiniões e ideias. Utilizaremos uma estrutura flexível, permitindo que a conversa flua naturalmente, ao mesmo tempo em que abordaremos tópicos relevantes para os objetivos da pesquisa. As perguntas serão formuladas de maneira clara e concisa, garantindo que as participantes compreendam o propósito da entrevista e se sintam confortáveis para contribuir.

Para garantir a confidencialidade e a ética, respeitaremos o anonimato das participantes e protegeremos suas informações pessoais. Assim, identificaremos as colaboradoras por meio de pseudônimos, como Entrevistada A, B, C etc. As entrevistas serão registradas apenas com o consentimento prévio das colaboradoras, e os dados coletados serão utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa. Além disso, iremos aderir aos padrões éticos estabelecidos pela comunidade acadêmica, garantindo a integridade e a credibilidade do estudo.

4 CRONOGRAMA

Etapas futuras	2024	2025	2025	2026
	2 semestres	1 semestre	2 semestres	1 semestre
Elaboração do projeto	X			
Levantamento Bibliográfico	X	X		
Elaboração de perguntas de pesquisa		X	X	
Entrevista e análise documental		X		
Análise do material coletado e transcrição		X	X	
Correção e reajuste finais			X	X
Defesa do trabalho				X

REFERÊNCIAS

BÁ, Amadou Hampâtê. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-História da África/**. 2.ed. rev.-Brasília: UNESCO, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Vozes, 2003.

BORGES, Manuela. Negociando sociabilidades em meio urbano: associativismo feminino em Bissau (Guiné-Bissau, África Ocidental). In: BORGES, Manuela. CONGRESSO Luso afrobrasileiro de Ciências Sociais, 8., 2004, Lisboa. [Actas]. Coimbra: CES, 2004.

CARREIRA, Antônio. **O livriato no grupo étnico manjaco**: contribuição para o estado da sua extensão na zona intertropical. Boletim cultural da Guiné-Portuguesa, 8 (29), pp-107 a 11.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987

JESEUS, Bernardo Gomes. **Mandjacos da Guiné-Bissau**: Sobre Discursos, Cultura, Saberes e Tradições no Período Colonial e Pós-Colonial. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) _ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau**: Adivinho/Napene e Régulo/Namantch. 2017. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

NANQUE, Eduardo Boni. **Criação e ascensão política do movimento para alternância democrática (MADEM G15) no cenário político guineense (2018 à 2021)**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) -Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/lfDT>. Acesso em: 15 maio 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an African sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis. University of Minnesota Press. 1997.

PEIRANO, Mariza. Rituais ontem e hoje. Ciência Sociais – Passo – A – Passo. Zahar, 2002.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. **Belo horizonte**, p. 22-452, 2010.

SILVA, Ciro Lopes da; e SAMPA, Pascoal Jorge. *Língua Portuguesa Na Guiné-Bissau E a Influência Do Crioulo Na Identidade Cultural E No Português*. Revista Internacional em Língua Portuguesa, nº 31 – 2017.

SILVA, Rute António da. **As dinâmicas de cooperativismo e ações solidárias nos grupos de Udâ (Mandjuandadi) no seio dos Manjacos de Pecixe em Guiné-Bissau**. 2022. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

TÉ, Antonio Abipinte. **O Tronco Linguístico Brâme e seus Subgrupos Étnicos Pepéis, Manjacos e Mancanhas:** Afinidades e diferenças. 98 f. 2019. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado em Antropologia. Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional